



Apresentação

Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar!

Fernando Zolin-Vesz
Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista

Este número da revista Polifonia reúne um conjunto de pesquisas que procura investigar diversos âmbitos da vida e do mundo social – protestos sociais, migrações, educação a distância, escrita textual, epistemes – pelo viés da Linguística Aplicada Indisciplinar, campo do conhecimento que tem buscado, especialmente desde a última década, “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central” (MOITA LOPES, 2006, p. 14). Herdeira do profundo questionamento dos modos tradicionais de fazer pesquisa na seara dos estudos linguísticos (MOITA LOPES, 2004; 2006; 2009) e, em particular, de gerar e gerir conhecimentos, tal compreensão tem conduzido ao entendimento da linguística aplicada como um complexo campo de conhecimento não disciplinar, atravessado, principalmente, pelas ciências sociais e humanas.

Portanto, vinculado a tal percepção do que pode significar o desenvolvimento de pesquisas na área de Linguística Aplicada nos dias atuais que o conjunto de artigos que compõem este número se apresenta. Para inaugurar essa discussão, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva e Eliano de Souza Martins Freitas, com *Paisagem semiótica dos protestos em Belo Horizonte*, lançam mão de conceitos da Geografia, como paisagem e território, com o propósito de compreender a paisagem semiótica dos protestos políticos ocorridos na cidade de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, em relação ao golpe de 2016 e, no primeiro ano do governo Bolsonaro, contra a apologia ao golpe de 1964 e os cortes nas verbas da educação. Como destacam os autores, “a união da Geografia e dos estudos linguístico-semióticos amplia nossa compreensão da sociedade”, reforçando a relevância da indisciplinaridade nos estudos linguísticos para a compreensão dos problemas do nosso mundo, em que a linguagem dos referidos protestos, irrefutavelmente, desempenha papel central.

De igual modo, Narjara Oliveira Reis e Maria Inêz Probst Lucena, em *Vozes silenciadas: sobre trabalho, gênero e ensino-aprendizagem de português na vivência de mães procedentes do Haiti no Sul do Brasil*, buscam compreender os significados do trabalho e das relações de gênero na vivência de uma mãe de origem haitiana que migrou para o Brasil. Por meio de uma investigação etnográfica, e pautando-se em pesquisas indisciplinadas sobre migração, gênero e trabalho, as autoras salientam a relevância de que “o testemunho dessas mulheres seja legitimado pelas instâncias do poder-saber, contrariando a lógica da produção de discursos dominante e hegemônica, que cala mulheres e, ainda mais efetivamente, as negras e pobres”, e, principalmente, que “os cursos de português para imigrantes só podem ser dimensionados se nos



dispusermos à escuta, considerando os lugares singulares que elas ocupam”.

Já em *Um olhar complexo sobre o feedback e a formação de professores a distância*, Alan Ricardo Costa, Vanessa Ribas Fialho, André Firpo Beviláqua e Vilson José Leffa analisam a perspectiva de alunos de um curso de Letras-Espanhol e Literaturas a distância no que tange ao fornecimento de *feedback* por parte de professores-tutores em ambientes virtuais de aprendizagem ao longo do percurso formativo docente. Aqui, a indisciplinaridade ocorre por meio de diálogos com o Pensamento Complexo e a Biologia da Cognição.

Sumiko Nishitani Ikeda, Samuel da Silva e Piedade Teodoro da Silva, em *Estrutura e textura do texto dissertativo-argumentativo para alunos universitários e do Ensino Médio – um enfoque sistêmico- funcional*, chamam a atenção para o fato de que a dificuldade que a produção escrita representa para a maioria dos estudantes brasileiros está presente no discurso dos professores das mais diversas áreas. Sendo assim, sugerem o ensino do texto dissertativo-argumentativo (TDA), ou texto acadêmico, a alunos universitários e do ensino médio, com base no exame das unidades de estrutura e de textura de TDAs da produção discente à luz da literatura recente. Desse modo, conforme os autores, pode-se fornecer aos professores recursos para guiar seus estudantes a escrever textos que contem as expectativas da audiência acadêmica. A pesquisa se apoia nas teorias de texto e na Linguística Sistêmico-Funcional – “um modelo multiperspectivo”, como destacam os autores, designado a proporcionar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso.

Tadinei Daniel Jacumasso, por sua vez, com *Lugares que ocupam as línguas em publicações na área de Linguística Aplicada: análise de três periódicos com classificação máxima no Qualis/CAPES* investiga três revistas, especializadas na área de Linguística Aplicada, com classificação máxima no Qualis/CAPES a fim de analisar os lugares que as línguas ocupam nessas publicações, em particular ao que se refere ao inglês. Para tanto, a autor se apoia na indisciplinaridade dos estudos sociolinguísticos, mais especificamente na área das políticas linguísticas.

Com *(De)Colonialidade da linguagem, lócus enunciativo e constituição identitária em Gloria Anzaldúa: uma “new mestiza”*, Livia Márcia Tiba Rádis Baptista propõe diferenciar lócus enunciativo e lócus de enunciação. Assim, situa o lócus enunciativo instaurado pela escritora *chicana* Gloria Anzaldúa, por meio da obra *Borderlands/ La frontera – the new mestiza*, com o propósito de elucidar a dimensão da colonialidade da linguagem no espaço de enunciação da fronteira México-Estados Unidos. Conforme Baptista, a relevância de Anzaldúa “para o pensamento político latino-americano, como referência para a academia e movimentos sociais, por sua ativa participação no pensamento, militância e movimento feminista latino-americano e do sul, especialmente, no que concerne aos estudos pós-coloniais e à teoria *queer*”, possibilita diálogos indisciplinados para a compreensão de diversos problemas do universo latino-americano, em que a colonialidade da linguagem desempenha papel central.

Encerrando o entendimento da linguística aplicada como área do conhecimento atravessada principalmente pelo campo das ciências sociais e das humanidades, Gabriela Alejandra Veronelli, com *La colonialidad del lenguaje y el monolingüajar como práctica lingüística de racialización*, parte das discussões desenvolvidas no projeto modernidade/colonialidade-decolonialidade e nos estudos decoloniais a fim de compreender como a colonialidade da linguagem opera em relação às populações



acometidas por processos de colonização. Para tanto, a autora enfatiza o conceito de monolínguar, “una práctica lingüística de racialización deshumanizante porque en el encuentro comunicativo el hablante presupone que no va a ser entendido por el oyente porque éste es un ser que naturalmente no puede compartir su manera de vivir en la que la comunicación es racional”.

Por fim, Karoline Pontes Feltrin, Nathalya Karolline Vasconcelos de Souza e Fernando Zolin-Vesz apresentam a resenha da obra *Fetichismo neo-orientalista: o problema da autorrepresentação do subalterno e as autobiografias muçulmanas*, de Laísa Marra de Paula Cunha Bastos, publicada em 2016 pela editora da Universidade Federal de Goiás (EdUFG). Perpassando estudos sobre gênero, discurso e literatura, Feltrin, Souza e Zolin-Vesz destacam que “o intuito da autora é, portanto, examinar as razões do interesse editorial pelas mulheres muçulmanas, sempre rotuladas como oprimidas, tendo em vista o imaginário neo-orientalista presente nas sociedades ocidentais”.

Esperamos que este número da revista Polifonia fomenta o desenvolvimento de mais pesquisas indisciplinadas na seara dos estudos linguísticos, em particular na área da Linguística Aplicada. Trata-se, de algum modo, de uma espécie de manifesto: como intitulamos esta apresentação, *por uma Linguística Aplicada Indisciplinar!*